

## ATIVIDADE ECONÔMICA

# Indicadores de indústria, comércio e serviços

## Sumário

O produto interno bruto (PIB) brasileiro apresentou aceleração no primeiro trimestre de 2025, crescendo 1,4% em relação ao trimestre anterior, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Conforme já antecipado pelo desempenho dos indicadores mensais de atividade, a economia iniciou o ano num ritmo modesto e foi ganhando impulso ao longo do período, particularmente no mês de março. Embora o cenário macroeconômico brasileiro siga negativamente influenciado pelo ciclo de aperto da política monetária e por incertezas globais, a resiliência do mercado de trabalho, juntamente com o impacto do reajuste do salário mínimo e das transferências públicas de assistência e previdência, manteve a demanda doméstica aquecida nos primeiros três meses do ano. Além disso, como também já era previsto, a forte contribuição positiva da agropecuária, pelo lado da produção, ajuda a explicar o resultado do PIB. Por outro lado, com base no conjunto de informações disponíveis até o momento, apesar do forte efeito de *carry-over* herdado do mês de março, já há indícios de uma desaceleração no ritmo de crescimento da economia no início do segundo trimestre, acompanhada por uma piora das condições financeiras das famílias.

Nesse contexto, o índice de atividade econômica do Banco Central do Brasil (IBC-Br/BCB), um dos indicadores que buscam retratar o nível geral da atividade econômica brasileira em base mensal, servindo de prévia para o PIB, registrou, em abril de 2025, uma expansão de 0,2% na comparação livre de efeitos sazonais. O resultado veio após a alta de 0,7% observada em março e revela uma perda de fôlego na margem. Do ponto de vista setorial, o desempenho foi sustentado principalmente pelos serviços, que seguem em expansão, enquanto a indústria e a agropecuária apresentaram contrações no mês, contribuindo para uma composição desigual do crescimento. Já na comparação interanual, o indicador avançou 2,5%, mantendo o ritmo positivo, embora em patamar ligeiramente inferior ao observado no mês anterior (3,6%).

A produção industrial, conforme a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF), apresentou variação de 0,1% em abril de 2025, na série com ajuste sazonal, resultado que sucedeu alta de 1,2%. Ainda nessa base de comparação, enquanto a indústria de transformação retraiu 0,5%, mantendo o comportamento irregular verificado desde o fim do ano passado, o setor extrativo registrou expansão de 1,0%, a terceira variação positiva seguida nessa base de comparação. Após acumular alta de 1,4% nos primeiros quatro meses de 2025, tendo como um dos destaques a produção de máquinas e equipamentos, o setor industrial tem pela frente um cenário mais desafiador, impactado pelos efeitos da política monetária e por um ambiente global com elevado grau de incerteza.

**Leonardo Mello de Carvalho**

Técnico de Planejamento e Pesquisa  
da Diretoria de Estudos e Políticas  
Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

[leonardo.carvalho@ipea.gov.br](mailto:leonardo.carvalho@ipea.gov.br)

Divulgado em 01 de julho de 2025.

Por sua vez, segundo a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), o volume de vendas no comércio varejista ampliado registrou queda de 1,9% em abril, na comparação com o mês anterior, devolvendo o crescimento observado em março (1,7%). O resultado sinaliza perda de dinamismo no setor, especialmente em segmentos mais sensíveis ao crédito, como veículos, autopeças e materiais de construção, que contribuíram negativamente para o desempenho do mês. No varejo restrito, que exclui esses segmentos, a retração foi mais moderada, de 0,4%, interrompendo uma sequência de três resultados positivos e refletindo uma acomodação do consumo das famílias após o forte crescimento observado em março. Se, por um lado, o mercado de trabalho segue ainda aquecido, a pressão da inflação sobre itens com peso relevante no orçamento familiar, assim como o encarecimento do crédito, tem deteriorado as condições financeiras das famílias, reduzindo os ganhos reais de renda e elevando a inadimplência e o comprometimento do orçamento com o serviço da dívida.

O setor de serviços, por fim, conforme a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), registrou alta de 0,2% em relação ao mês anterior, na série com ajuste sazonal, marcando o terceiro resultado positivo consecutivo. Todavia, o desempenho do mês sinaliza uma desaceleração na margem, com expansão mais contida em comparação aos avanços registrados nos meses anteriores. Entre os cinco grandes grupos de atividade, apenas o segmento de transportes avançou no mês, impulsionado principalmente pela demanda por transporte aéreo. Embora o setor de serviços siga como um dos principais motores para o crescimento da economia, estando intimamente ligado ao dinamismo do mercado de trabalho, os segmentos mais sensíveis à renda das famílias — como comércio, alimentação fora do domicílio e atividades de lazer — devem registrar um desempenho mais contido ao longo de 2025. Essa tendência reflete, por um lado, a persistência da inflação de serviços, cuja natureza inercial dificulta uma resposta rápida à política monetária; por outro, a desaceleração esperada no crescimento da massa de rendimentos.

Refletindo em certa medida a perda de fôlego da atividade econômica observada no início do segundo trimestre, os dados das sondagens do Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), referentes a junho de 2025 apontam para uma deterioração da confiança, tanto por parte dos consumidores quanto dos empresários. A confiança dos consumidores recuou após três meses de alta, influenciada por piora na percepção da situação financeira e nas expectativas, em meio a pressões persistentes sobre o orçamento das famílias. No ambiente empresarial, os resultados foram heterogêneos: indústria e serviços apresentaram queda na confiança, enquanto comércio e construção mostraram avanços pontuais. De forma geral, os resultados apontam para uma postura empresarial mais cautelosa, influenciada por juros elevados, incertezas persistentes e sinais de arrefecimento da atividade econômica ao longo do segundo trimestre.

## 1 Resultados gerais

O PIB brasileiro apresentou aceleração no primeiro trimestre de 2025, crescendo 1,4% em relação ao trimestre anterior, segundo dados do IBGE. Conforme já antecipado pelo desempenho dos indicadores mensais de atividade, a economia iniciou o ano num ritmo modesto e foi ganhando impulso ao longo do período, particularmente no mês de março. Embora o cenário macroeconômico brasileiro siga negativamente influenciado pelo ciclo de aperto da política monetária e por incertezas globais, a resiliência do mercado de trabalho, juntamente com o impacto do reajuste do salário-mínimo e das transferências públicas de assistência e previdência, manteve a demanda doméstica aquecida nos primeiros três meses do ano. Além disso, como também já era previsto, a forte contribuição positiva da agropecuária, pelo lado da produção, ajuda a explicar o resultado do PIB. Por outro lado, com base no conjunto de informações disponíveis até o momento, apesar do forte efeito de *carry-over* herdado do mês de março, já há indícios de uma desaceleração no ritmo de crescimento da economia no início do segundo trimestre, acompanhada por uma piora das condições financeiras das famílias.

Nesse contexto, o IBC-Br, um dos indicadores que buscam retratar o nível geral da atividade econômica brasileira em base mensal, servindo de prévia para o PIB, registrou, em abril de 2025, uma expansão de 0,2% na comparação livre de efeitos sazonais. O resultado veio após a alta de 0,7% observada em março e revela uma perda de fôlego na margem. Já na comparação interanual, o indicador avançou 2,5%, mantendo o ritmo positivo, embora em patamar ligeiramente inferior ao observado no mês anterior (3,0%). Com o resultado de abril, o *carry-over* em relação ao segundo trimestre de 2025 ficou em 0,8% na margem, e em 3,2% em termos interanuais.

Do ponto de vista da desagregação setorial do IBC-Br, o desempenho foi sustentado principalmente pelos serviços, que seguem em expansão, enquanto a indústria e a agropecuária apresentaram contrações no mês, contribuindo para uma composição desigual do crescimento. Cenário similar é o que apontam as pesquisas setoriais do IBGE, nas quais o desempenho do volume de receita dos serviços se destacou *vis-à-vis* os resultados da produção industrial e do comércio varejista (gráfico 1).

Ainda em termos agregados, o indicador de difusão calculado pelo Ipea também exibiu desaceleração, atingindo um nível superior à sua média histórica, situada em 51,3%. Em abril, 46,1% dos segmentos analisados registraram variação positiva, em comparação com 62,6% no período anterior. Com base na análise em médias móveis de três meses, o indicador de difusão também recuou, atingindo 53,0% em abril. Ao longo dos últimos meses, sua trajetória se mostra similar àquela observada pelos indicadores de atividade, cujo desempenho foi crescente até o mês de março (gráfico 2).

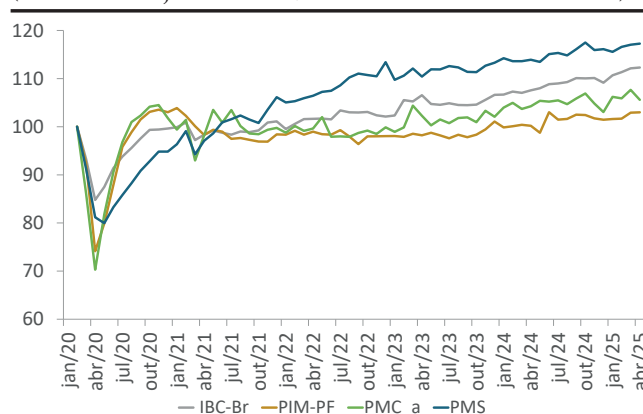
## 2 Indústria

A produção industrial, conforme a PIM-PF, apresentou variação de 0,1% em abril de 2025, na série com ajuste sazonal. Este leve crescimento indica uma perda de fôlego na margem, refletindo uma acomodação após o avanço expressivo observado em março (1,2%). Na comparação com abril de 2024, o setor industrial registrou queda de 0,3%, interrompendo uma sequência de dez taxas interanuais positivas. Apesar disso, no acumulado do ano, a indústria ainda apresenta variação positiva de 1,4%, sinalizando alguma resiliência em segmentos específicos. Já o indicador acumulado em doze meses desacelerou de 3,1% para 2,4%. Com o resultado de abril, o *carry-over* em relação ao segundo trimestre de 2025 ficou em 0,9% na margem e em 1,3% em termos interanuais.

GRÁFICO 1

**Atividade econômica: evolução dos indicadores setoriais (jan./2020-abr./2025)**

(Índices com ajuste sazonal, base: fevereiro de 2020 = 100)



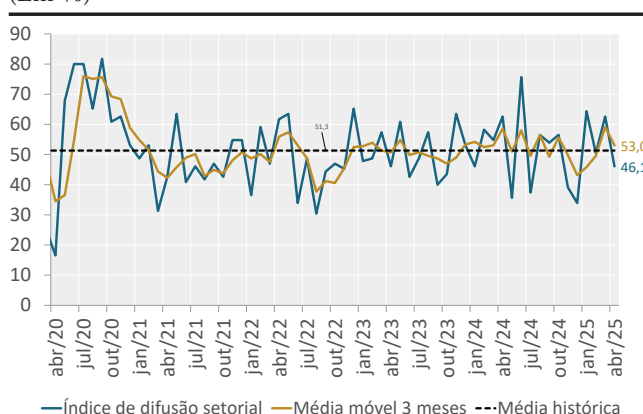
Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 2

**Atividade econômica: evolução do indicador de difusão setorial<sup>1</sup> (abr./2020-abr./2025)**

(Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: <sup>1</sup> O indicador de difusão setorial mede a porcentagem dos segmentos produtivos que registraram crescimento na comparação com o período anterior, já descontados os efeitos sazonais. Seu cálculo é realizado a partir do desempenho de 113 segmentos, definidos de acordo com as classificações utilizadas nas pesquisas setoriais do IBGE (PIM-PF, PMC e PMS).

TABELA 1

**Produção industrial e grandes grupos econômicos: evolução das taxas de crescimento**

(Em %)

	Pesos	Contra período anterior dessazonalizado <sup>a</sup>					Contra igual período do ano anterior				Acumulado		
		Fev./25	Mar./25	Abr./25	Trim.	Carry-over 2º Trim.	Fev./25	Mar./25	Abr./25	Trim. <sup>1</sup>	No ano (dessaz.)	No ano (yoy)	Em doze meses
Geral		0,1	1,2	0,1	0,9	0,9	1,3	3,2	-0,3	1,4	1,5	1,4	2,4
Classes													
Indústrias Extrativas	14,6	3,0	3,3	1,0	4,1	4,2	-3,1	5,8	10,2	4,3	4,9	1,8	-0,4
Transformação	85,4	-0,4	0,9	-0,5	0,4	0,0	2,0	2,7	-2,0	0,9	0,9	1,3	2,9
Grupos Econômicos													
Capital	6,0	0,1	-0,5	1,4	0,7	1,1	8,8	-0,8	-3,3	1,3	3,7	2,6	8,3
Intermediários	60,5	0,9	0,5	0,7	0,7	1,4	-0,2	3,9	1,9	1,9	0,6	1,5	1,9
Consumo	31,8	-1,2	3,4	-1,6	1,9	0,2	2,2	2,4	-4,2	0,0	4,1	0,5	2,4
Duráveis	4,4	-2,6	3,8	0,4	1,7	2,0	16,5	2,7	2,0	6,7	5,8	8,8	11,3
Semi e Não-Duráveis	27,5	-0,7	2,8	-1,9	2,0	-0,3	-0,3	2,4	-5,4	-1,2	3,5	-0,9	1,0
Insumos da Construção Civil		-2,3	1,8	-0,4	-0,3	0,1	4,0	2,5	-1,5	1,6	3,0	2,6	4,9

Fonte: PIM-PF/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: <sup>1</sup> Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

Em relação às classes de produção, a indústria de transformação recuou 0,5% em abril, dando continuidade ao comportamento oscilante observado desde o fim de 2024, marcado por alternância entre avanços e retrações mensais. Já o setor extrativo registrou crescimento de 1,0%, acumulando três resultados positivos consecutivos nessa base de comparação. No cotejo interanual, por sua vez, a indústria de transformação apresentou queda de 2,0%, enquanto a indústria extrativa avançou 10,2%, reforçando sua contribuição positiva para o desempenho industrial nos últimos meses (tabela 1).

Entre os grandes grupos econômicos, a produção de itens com uso no setor de bens de capital e a produção de bens intermediários foram os destaques positivos, com altas de 1,4% e 0,7% na margem, respectivamente. Entre os bens de capital, as maiores contribuições vieram da produção de máquinas e equipamentos, que avançou 2,2%, e da produção de equipamentos de informática e produtos eletrônicos (13,2%). Com relação ao seu destino, os maiores aumentos na demanda em janeiro foram provenientes dos setores industrial (2,5%), peças agrícolas (11,6%) e uso misto (8,9%). A única contribuição negativa para o resultado da indústria em abril veio da produção de bens de consumo semi e não duráveis, que recuou 1,9% na margem. Por trás deste resultado destacaram-se negativamente os segmentos alimentícios (-1,8%), derivados de petróleo e biocombustíveis (-4,7%) e farmoquímicos (-9,2%).

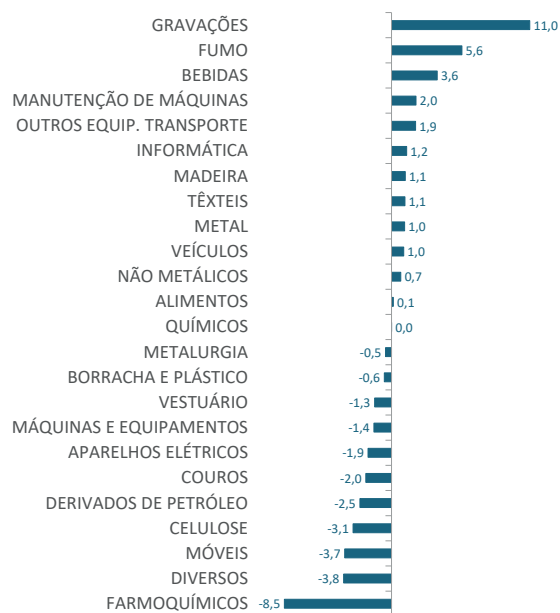
A desagregação setorial, por seu turno, indica que treze segmentos da indústria de transformação avançaram na margem, de um total de 24, o que reduziu o índice de difusão – que mede a porcentagem dos segmentos da indústria de transformação com aumento em comparação ao período anterior, após ajuste sazonal – para 52,2%, ante 62,5% em março. Entre aqueles com peso relevante, os destaques positivos foram os segmentos outros equipamentos de transporte e informática, com altas de 1,9% e 1,2% na margem, respectivamente. Já na comparação interanual, oito segmentos cresceram na comparação com abril do ano passado. Entre eles, manutenção de máquinas (10,4%), produtos têxteis (6,6%) e metalurgia (4,4%) apresentaram as maiores variações positivas. A produção de alimentos, por sua vez, segmento mais pesado da transformação, exerceu a maior contribuição negativa, tendo registrado queda interanual de 4,9%. Na comparação acumulada no ano, por sua vez, quinze segmentos apresentaram crescimento em relação ao mesmo período de 2024, até o mês de abril. A produção de máquinas e equipamentos, com alta de 9,3%, foi o segmento com a maior contribuição em pontos percentuais (p.p.) para o resultado da indústria até o momento (1,4%), sendo responsável por 26,4% do total observado.

GRÁFICO 3

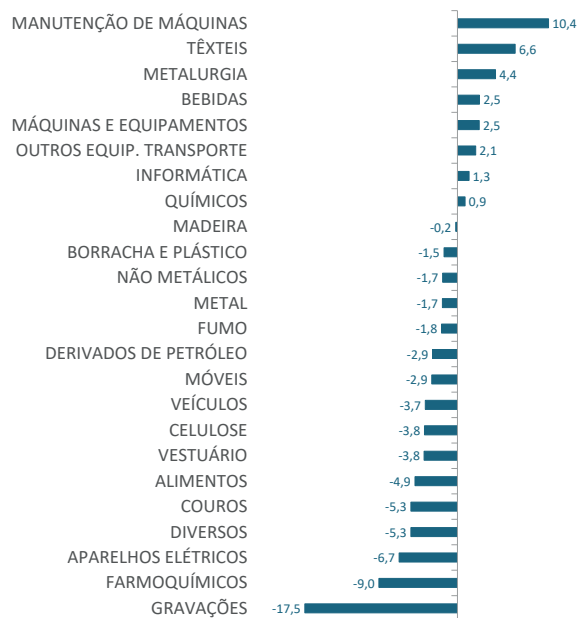
Produção de bens industriais setorial: taxas de variação (abril de 2025)

(Em %)

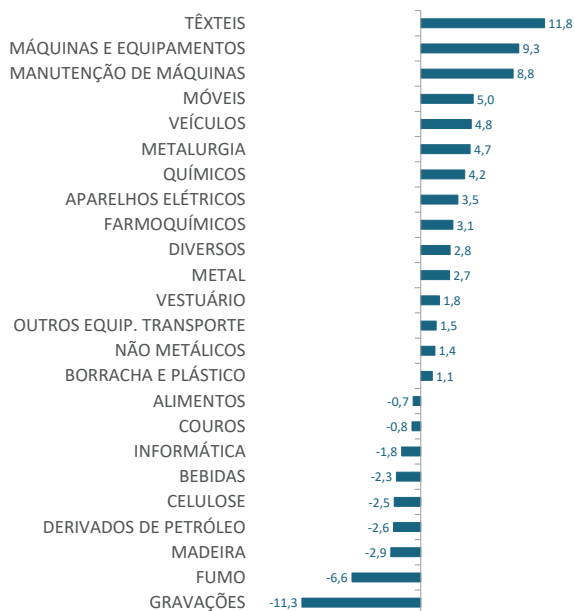
2A - Variação contra o período anterior



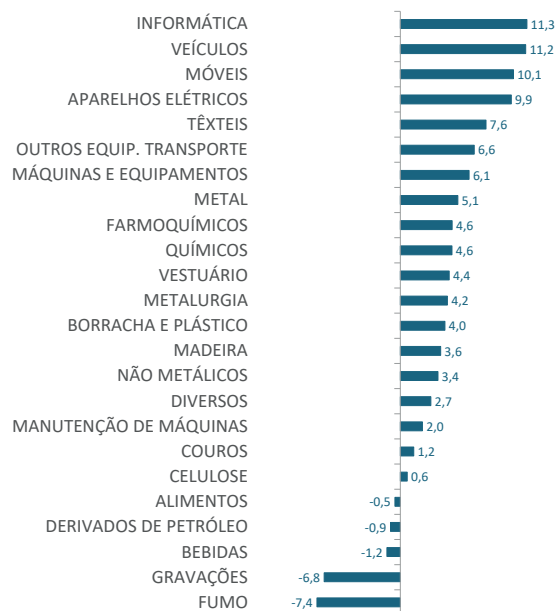
2B - Variação contra o mesmo período do ano anterior



2C - Variação acumulada no ano



2D - Variação acumulada em 12 meses



Fonte: Ipea.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.



Embora também tenha apresentado desaceleração ao longo dos últimos dois meses, uma parcela relevante da demanda interna por bens industriais continua sendo suprida pelo crescimento das importações, fato corroborado pelo crescimento mais robusto do Indicador Ipea de Consumo Aparente (CA) de bens industriais vis-à-vis a produção física medida pela PIM (gráfico 4). Em abril, enquanto a demanda por bens industriais (CA) acumulou alta de 6,0% em doze meses, a produção industrial cresceu apenas 2,4% (gráfico 4).

A indústria, notadamente um dos setores mais cíclicos da economia, tende a reagir de forma mais sensível aos efeitos da política monetária, especialmente em contextos de aperto prolongado. Tendo por base as Sondagens Industriais do Ibre/FGV, os resultados de junho reforçam essa visão ao mostrar um recuo de 2,1 pontos no Índice de Confiança da Indústria – a maior queda no ano na métrica com ajuste sazonal. Segundo a pesquisa, a deterioração foi puxada pela percepção de enfraquecimento da demanda e pela revisão para baixo da produção prevista, ambos sinais de que os efeitos do juro elevado começam a se refletir com mais força no ambiente industrial.

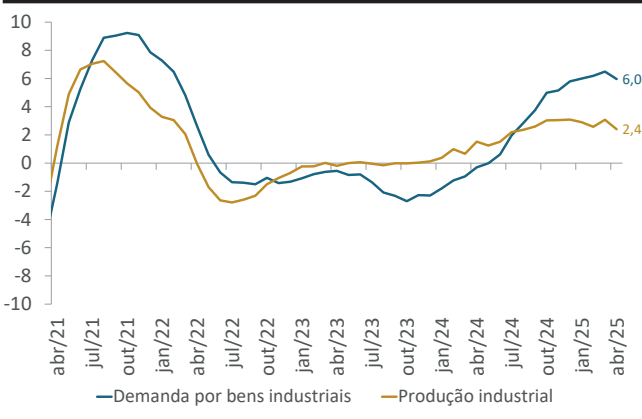
Em relação aos custos de produção, de acordo com o Índice de Preços ao Atacado (IPA), da FGV, o preço dos bens intermediários registrou crescimento de 4,9% no acumulado do ano até maio de 2025, com destaque para o item suprimentos, cuja alta foi de 12,8% (tabela 2). Já os produtos pertencentes às matérias-primas brutas cresceram, em média, 9,7% na mesma base de comparação, destacando-se, nesse grupo, os agropecuários (21,6%). Todavia, embora a evolução dos índices aponte uma aceleração em relação ao ano passado, uma fotografia mais recente mostra algum arrefecimento nos últimos meses.

TABELA 2  
IPA: taxas de variação acumuladas  
(Em %)

	Jun./23-Mai./24	Jun./24-Mai./25
IPA - todos os itens	-0,2	6,7
Bens finais	0,3	8,1
Bens de consumo duráveis	0,9	4,6
Alimentação	0,1	12,0
Combustíveis	-7,8	9,8
Bens de consumo não duráveis exceto alimentação e combustíveis	3,2	5,3
Bens de investimento	0,6	3,7
Bens intermediários	0,3	4,9
Materiais e componentes para a manufatura	-0,3	5,5
Embalagens	-0,1	9,4
Suprimentos	-5,7	12,8
Matérias-primas brutas	-1,4	9,7
Mat. Primas brutas agropecuárias	-0,3	21,6
Minerais	6,1	-4,0

Fonte: FGV.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 4  
Demanda por bens industriais versus produção industrial:  
taxas de variação acumuladas em doze meses  
(Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

### 3 Comércio

Por sua vez, segundo a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), o volume de vendas no comércio varejista ampliado registrou queda de 1,9% em abril, na comparação com o mês anterior, devolvendo o crescimento observado em março (1,7%). O resultado sinaliza perda de dinamismo no setor, especialmente em segmentos mais sensíveis ao crédito, como veículos, autopeças e materiais de construção, que contribuíram negativamente para o desempenho do mês. No varejo restrito, que exclui esses segmentos, a retração foi mais moderada, de 0,4%, interrompendo uma sequência de três resultados positivos e refletindo uma acomodação do consumo das famílias após o forte crescimento observado em março. Na comparação interanual, o varejo ampliado cresceu 0,8% frente a abril de 2024, enquanto o varejo restrito registrou alta de 4,8%, indicando que, apesar da desaceleração na margem, o setor ainda mantém desempenho positivo em comparação ao ano anterior (tabela 3). Com o resultado de abril, o *carry-over* em relação ao segundo trimestre de 2025 ficou em -0,9% na margem e em 0,5% em termos interanuais.

TABELA 3

Vendas no varejo: evolução das taxas de crescimento

(Em %)

	Pesos	Mês/Mês anterior dessazonalizado					Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado		
		Fev./25	Mar./25	Abr./25	Trim. <sup>1</sup>	Carry-over 2º Trim.	Fev./25	Mar./25	Abr./25	Trim. <sup>1</sup>	No ano (dessaz.)	No ano (yoy)	Em doze meses
Comércio varejista ampliado <sup>2</sup>	100,0%	-0,3	1,7	-1,9	1,6	-0,9	2,4	-1,2	0,8	0,6	2,5	1,0	2,7
Comércio varejista restrito <sup>3</sup>	59,6%	0,6	0,8	-0,4	1,2	0,4	1,6	-0,8	4,8	1,8	1,3	2,1	3,4
1. Combustíveis e lubrificantes	7,2%	0,3	-1,0	-1,7	-1,0	-2,2	2,2	1,1	-1,9	0,4	-1,1	0,6	-1,1
2. Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	32,2%	1,1	0,3	-0,8	0,7	-0,2	-0,3	-1,4	6,4	1,5	0,3	1,8	3,4
2.1 Hipermercados e supermercados		1,2	-0,2	-0,6	0,8	-0,3	0,1	-1,2	7,0	1,9	0,5	2,3	4,0
3. Tecidos, vestuário e calçados	3,7%	0,1	1,2	0,6	0,1	1,5	8,6	1,1	7,8	5,7	1,2	4,9	4,6
4. Móveis e eletrodomésticos	4,1%	1,1	-0,6	-0,3	0,0	-0,3	9,7	3,0	0,7	4,3	-1,6	4,4	5,0
5. Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	5,6%	0,6	1,1	0,2	2,0	1,2	3,2	2,1	1,9	2,4	4,2	3,2	5,7
6. Livros, jornais, revistas e papelaria	0,2%	-19,8	29,8	1,6	-2,7	11,6	-4,9	-7,9	-3,8	-5,5	6,2	-3,9	-6,4
7. Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	0,9%	-4,2	2,8	-1,3	-1,6	-0,9	-3,8	-2,1	-5,2	-3,7	1,5	-2,4	-1,1
8. Outros artigos de uso pessoal e doméstico	5,8%	0,5	1,6	1,0	3,0	2,3	2,7	-6,3	10,9	2,0	4,5	2,7	6,0
9. Veículos, motos, partes e peças	16,8%	-2,7	1,3	-2,2	-0,3	-2,2	9,8	-2,5	-7,1	-0,4	1,9	1,8	7,6
10. Materiais de construção	7,7%	1,1	0,5	-0,4	2,7	0,3	9,7	5,0	-2,7	3,8	5,4	3,8	5,2
11. Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	15,9%	-	-	-	-	-	-6,6	-3,7	-2,4	-4,3		3,1	-7,4

Fonte: PMC/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

<sup>1</sup> Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

<sup>2</sup> O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 11.

<sup>3</sup> O indicador do comércio varejista restrito é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 8.

Se, por um lado, o mercado de trabalho segue ainda aquecido, a pressão da inflação sobre itens com peso relevante no orçamento familiar, assim como o encarecimento do crédito, tem deteriorado as condições financeiras das famílias – reduzindo os ganhos reais de renda, elevando a inadimplência e o comprometimento do orçamento com o serviço da dívida. Em relação ao poder de compra, a massa ampliada (de transferências) efetiva real de rendimentos calculada pelo Ipea seguiu registrando crescimento, embora a taxas decrescentes, reflexo do aumento na pressão sobre os preços. Utilizando como deflator o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), tendo por base a variação acumulada em doze meses, a massa ampliada vem desacelerando desde dezembro de 2024, com crescimento acumulado de 5,4% em termos reais em março. Quando utilizamos como deflator o IPCA para alimentos, o cenário torna-se menos favorável, com o ganho real caindo para 3,0% (gráfico 5).

Já é possível observar os primeiros impactos do ciclo de aperto monetário iniciado em setembro de 2024. Ao longo de 2025, tanto os indicadores de inadimplência quanto o nível de comprometimento das famílias com o serviço da dívida registraram uma aceleração, refletindo a pressão dos juros mais altos sobre as finanças domésticas (gráficos 6 e 7). Neste contexto, enquanto a demanda por bens cuja elasticidade-renda é elevada tende a permanecer relativamente aquecida, observa-se uma perspectiva de desaceleração mais acentuada no consumo de bens cuja aquisição depende, em maior medida, do acesso ao crédito. Embora o ritmo total das concessões de crédito ainda não mostre mudanças significativas, as concessões específicas para a aquisição de veículos, por exemplo, vêm recuando desde novembro de 2024 (gráfico 8).

GRÁFICO 5

**Massa ampliada efetiva real: IPCA x IPCA alimentos (mar./2016-mar./2025)**

(Em %, variação acumulada em doze meses)

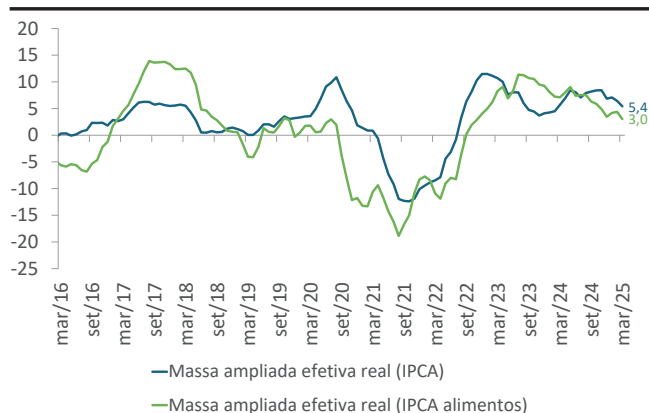
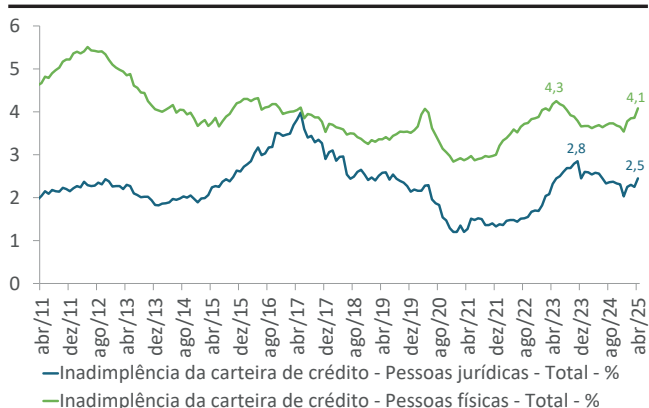


GRÁFICO 7

**Inadimplência da carteira de crédito (abr./2011-abr./2025)**

(Em %)



Fonte: Ipea e BCB.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 6

**Comprometimento da renda das famílias com serviço da dívida (abr./2005-abr./2025)**

(Em %, séries dessazonalizadas)

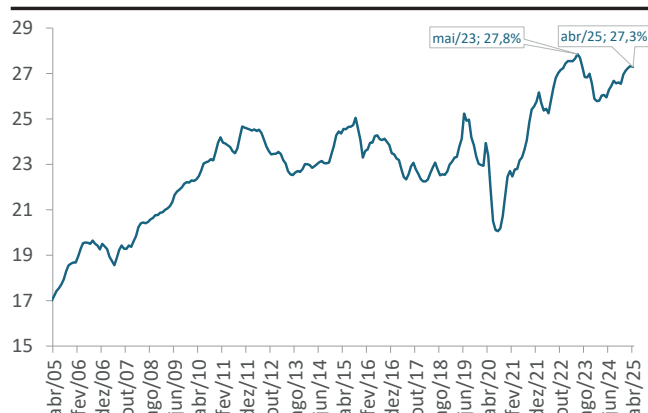
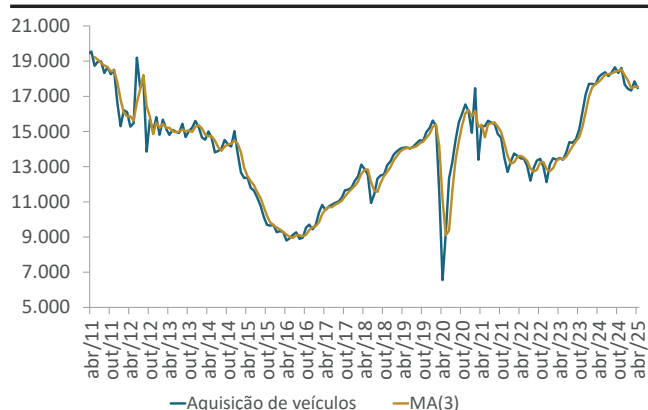


GRÁFICO 8

**Concessões para aquisição de veículos – pessoa física (abr./2011-abr./2025)**

(Em R\$ milhões, séries dessazonalizadas)<sup>1</sup>



Fonte: Ipea e BCB.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: <sup>1</sup> A preços constantes de abril de 2025.



## 4 Serviços

O setor de serviços, por fim, conforme a PMS, registrou alta de 0,2% em relação a março de 2025, na série com ajuste sazonal, marcando o terceiro resultado positivo consecutivo. Todavia, o desempenho do mês sinaliza uma desaceleração na margem, com expansão mais contida em comparação aos avanços registrados nos meses anteriores. Além disso, o resultado aconteceu com um baixo índice de difusão. Entre os cinco grandes grupos, apenas o segmento de transportes (0,5%) avançou no mês, impulsionado principalmente pela demanda por transporte aéreo, que subiu 6,3% na margem (tabela 4). Na comparação com abril de 2024, o volume de serviços cresceu 1,8%, enquanto no acumulado no ano o avanço foi de 2,2%, ambos em desaceleração frente aos resultados observados no início de 2025. Por trás deste crescimento acumulado até abril, o segmento dos serviços de tecnologia de informação e comunicação (TIC) contribuiu com 56,7% em p.p. (gráfico 9). Com o resultado de abril, o *carry-over* em relação ao segundo trimestre de 2025 ficou em 0,7% na margem e em 2,3% em termos interanuais.

TABELA 4

**Serviços: evolução das taxas de crescimento**

(Em %)

	Pesos	Mês/Mês anterior dessazonalizado					Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado		
		Fev./24	Mar./25	Abr./25	Trim. <sup>1</sup>	<i>Carry-over</i> 2º Trim.	Fev./24	Mar./25	Abr./25	Trim. <sup>1</sup>	No ano (dessaz.)	Ao ano (yoy)	Em doze meses
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>	<b>0,9</b>	<b>0,4</b>	<b>0,2</b>	<b>0,9</b>	<b>0,7</b>	<b>4,3</b>	<b>2,0</b>	<b>1,8</b>	<b>2,7</b>	<b>1,0</b>	<b>2,2</b>	<b>2,7</b>
<b>1. Serviços prestados às famílias</b>	<b>8,4%</b>	0,4	1,6	-0,1	0,0	1,2	-0,1	3,7	4,8	2,9	-1,2	2,4	3,7
1.1 Serviços de alojamento e alimentação	7,2%	-0,1	2,2	-0,1	-0,6	1,4	0,2	4,5	6,4	3,7	-2,0	3,2	4,2
1.2 Outros serviços prestados às famílias	1,2%	1,4	-0,1	-0,2	2,7	0,2	-1,6	-0,6	-3,9	-2,0	1,4	-2,6	0,7
<b>2. Serviços de informação e comunicação</b>	<b>23,6%</b>	<b>1,8</b>	<b>-0,1</b>	<b>-0,2</b>	<b>2,8</b>	<b>0,3</b>	<b>9,7</b>	<b>4,9</b>	<b>5,8</b>	<b>6,7</b>	<b>3,1</b>	<b>6,5</b>	<b>6,5</b>
2.1 Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	20,8%	3,4	-2,4	0,8	3,1	0,3	10,4	5,4	6,2	7,3	3,3	7,2	6,8
2.1.1 Telecomunicações	10,8%	1,3	-1,4	0,1	0,0	-0,4	4,0	1,3	0,8	2,0	-0,6	2,2	3,8
2.1.2 Serviços de Tecnologia da Informação	10,0%	5,6	-3,6	1,7	7,6	1,1	17,9	9,8	12,2	13,1	11,1	12,8	10,0
2.2 Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	2,8%	0,5	2,1	-2,7	5,4	-1,2	3,9	0,5	2,6	4,6	6,7	1,3	4,0
<b>3. Serviços profissionais, administrativos e complementares</b>	<b>22,0%</b>	<b>1,3</b>	<b>0,6</b>	<b>-0,5</b>	<b>0,8</b>	<b>0,3</b>	<b>4,3</b>	<b>1,3</b>	<b>0,5</b>	<b>4,2</b>	<b>0,4</b>	<b>1,6</b>	<b>4,0</b>
3.1 Serviços técnico-profissionais	8,5%	1,3	1,9	-1,3	3,9	0,4	3,4	-0,1	-1,5	0,5	8,6	0,1	8,2
3.2 Serviços administrativos e complementares	13,5%	0,6	0,4	0,3	1,4	0,7	5,0	2,4	2,1	3,1	2,1	2,6	1,1
<b>4. Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio</b>	<b>35,7%</b>	<b>0,4</b>	<b>1,9</b>	<b>0,5</b>	<b>0,9</b>	<b>1,9</b>	<b>2,6</b>	<b>1,3</b>	<b>1,1</b>	<b>1,6</b>	<b>0,9</b>	<b>1,0</b>	<b>0,2</b>
4.1 Transporte terrestre	20,3%	0,7	0,8	-0,1	0,6	0,6	-1,3	-2,3	-3,2	-2,3	1,0	-3,0	-3,0
4.2 Transporte aquaviário	1,9%	3,2	-1,0	0,8	2,1	1,1	4,6	9,2	5,0	6,2	1,5	4,6	4,5
4.3 Transporte aéreo	2,9%	3,7	2,3	6,3	1,0	9,3	28,7	10,3	19,2	19,0	1,0	16,9	12,3
4.4 Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	10,7%	-2,7	4,7	-0,8	0,8	1,3	3,6	5,0	3,8	4,1	1,8	4,4	2,8
<b>5. Outros serviços</b>	<b>10,4%</b>	<b>2,5</b>	<b>-0,3</b>	<b>-2,3</b>	<b>1,9</b>	<b>-1,7</b>	<b>0,7</b>	<b>-2,6</b>	<b>-5,2</b>	<b>-2,4</b>	<b>3,0</b>	<b>-2,6</b>	<b>-1,3</b>
<b>Atividades Turísticas<sup>2</sup></b>		2,8	-0,1	3,2	0,4	4,1	7,2	6,0	9,3	7,5	-0,5	6,4	5,1

Fonte: PMS/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

<sup>1</sup> Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

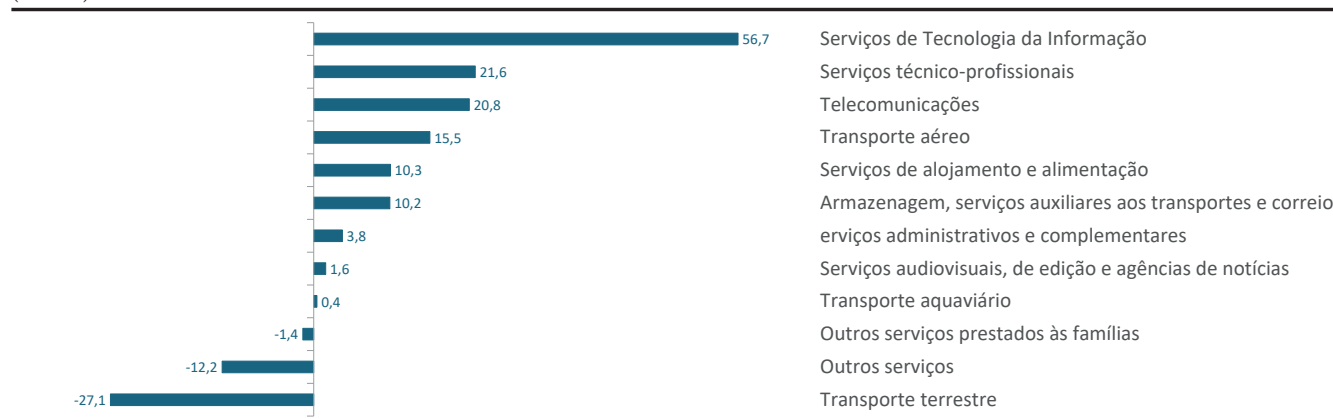
<sup>2</sup> Índice especial construído a partir de agrupamentos de segmentos associados à atividade de turismo.

Embora o setor de serviços siga como um dos principais motores para o crescimento da economia, estando intimamente ligado ao dinamismo do mercado de trabalho, os segmentos mais sensíveis à renda das famílias – como comércio, alimentação fora do domicílio e atividades de lazer – devem registrar um desempenho mais contido ao longo de 2025. Essa tendência reflete, por um lado, a persistência da inflação de serviços e, por outro lado, a desaceleração esperada no crescimento da massa de rendimentos. A evolução real da massa ampliada, deflacionada pelo preço dos serviços computados no IPCA, tem corroborado esta visão, desacelerando em relação ao ritmo observado ao longo de 2024, com a variação acumulada em doze meses ficando em 5,0% em março de 2025 (gráfico 10).

GRÁFICO 9

Componentes PMS: contribuição para o crescimento acumulado no ano (abr./2025)

(Em %)



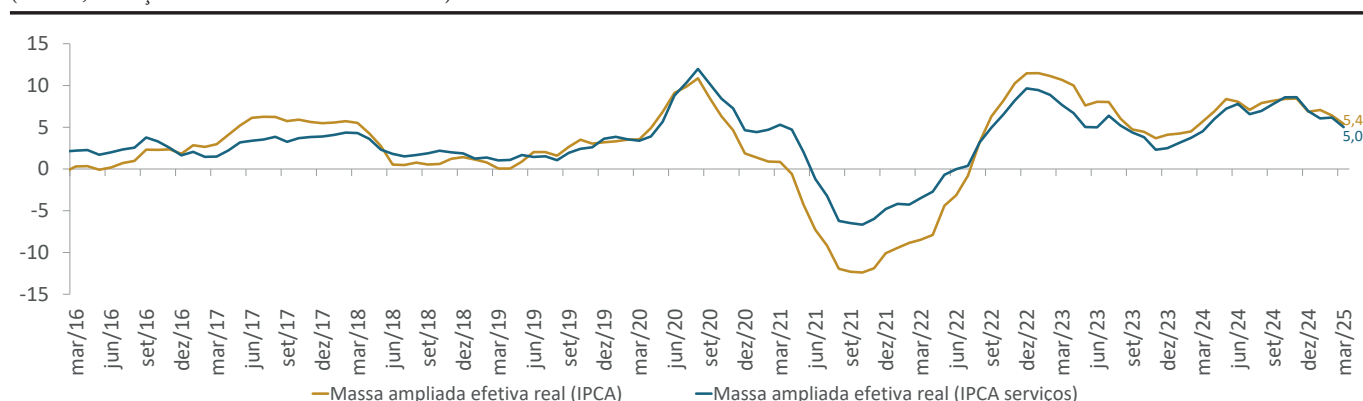
Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 10

Massa ampliada efetiva real: IPCA x IPCA serviços (mar./2016-mar./2025)

(Em %, variação acumulada em doze meses)



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

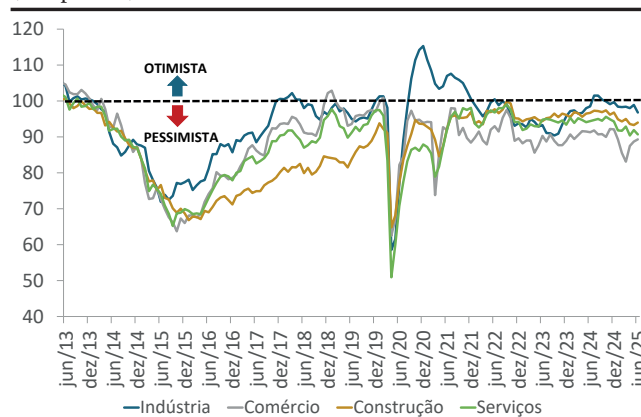
## 5 Confiança

Refletindo em alguma medida a perda de fôlego da atividade econômica observada no início do segundo trimestre, os dados das sondagens do Ibre/FGV referentes a junho de 2025 apontam uma deterioração da confiança, tanto por parte dos consumidores quanto dos empresários. O Índice de Confiança do Consumidor (ICC) recuou 0,8 ponto em junho, atingindo 85,9 pontos na série dessazonalizada, após três meses consecutivos de alta. O resultado refletiu uma piora tanto na percepção da situação atual quanto nas expectativas para os próximos meses. Apesar dos avanços anteriores, o indicador segue distante da linha de otimismo, refletindo a permanência de pressões sobre o orçamento familiar, como inflação de serviços, juros elevados e elevado nível de endividamento.

Do lado empresarial, os resultados em junho de 2025 foram divergentes entre os setores: enquanto indústria e serviços registraram queda, comércio e construção apresentaram avanço. A maior retração ocorreu na indústria, com recuo de 2,1 pontos, refletindo a percepção de enfraquecimento da demanda e aumento das incertezas no ambiente de negócios. No setor de serviços, a confiança também caiu, com perda de 1,2 ponto, influenciada

por avaliações menos favoráveis tanto da situação atual quanto das expectativas futuras. Em contrapartida, o comércio mostrou alta de 0,6 ponto, impulsionado por perspectivas mais positivas sobre as vendas previstas, embora a percepção quanto ao momento atual tenha piorado. Já a construção civil avançou 0,7 ponto, revertendo as quedas anteriores e indicando leve melhora na confiança do setor, influenciada pela criação de nova faixa para o programa Minha Casa Minha Vida (gráfico 11). De forma geral, os dados sinalizam uma postura empresarial ainda prudente, diante de juros elevados, inflação resistente e sinais de moderação da atividade econômica ao longo do segundo trimestre. Por fim, segundo o Índice dos Gerentes de Compras (Purchasing Managers' Index – PMI), calculado pela IHS Markit, o ritmo da atividade econômica voltou a arrefecer em maio, indicando contração tanto da produção industrial quanto da receita real de serviços.

**GRÁFICO 11**  
**Indicadores de confiança setorial – séries dessazonalizadas (jun./2013-jun./2025)**  
(Em pontos)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):**

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)

Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

**Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:**

Claudio Hamilton Matos dos Santos (Editor)

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos

Leonardo Mello de Carvalho

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti

Maria Andréia Parente Lameiras

Mônica Mora y Araujo

Sandro Sacchet de Carvalho

Sergio Fonseca Ferreira

**Pesquisadores Visitantes:**

Debora Mesquita Pimentel

Felipe dos Santos Martins

**Equipe de Assistentes:**

Beatriz de Luna Barreto

Marcelo Guedes Pecly

Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

**Equipe Administrativa:**

Aline Conceição Santos

Carla Nunes Menezes

Rosanne Rodrigues Barbosa

**Design/Diagramação:**

Augusto Lopes dos Santos Borges

Leonardo Simão Lago Alvite

---

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

---